

Notas sobre uma pesquisa em quarentena

Marcos Nogueira Milner¹

Resumo

Pretende-se explorar e sistematizar, a partir de uma revisita às notas de pesquisa, os obstáculos metodológicos encontrados para a realização de uma pesquisa de campo, durante o início da pandemia de coronavírus, nos primeiros meses de 2020. Sem o intuito de discutir os resultados aferidos após o processo de pesquisa, mas levando em consideração principalmente [1] o contexto, os recortes e particularidades relativos ao público-alvo – pessoas acima dos quarenta e cinco anos, sem emprego, com conectividade limitada e moradores de uma cidade de médio porte – e [2] as condições sanitárias à época, discute-se a pertinência das estratégias adotadas para o recrutamento de informantes e a realização de entrevistas em contexto sanitário inédito e crítico. Observa-se, ainda, a necessidade de contato para a execução de estratégias tradicionalmente utilizadas em âmbito etnográfico e discute-se a pertinência delas intermediadas e adaptadas para aplicação on-line.

Palavras-chave: Isolamento social; coronavírus; pesquisa; entrevistas; metodologia.

Notes about a research under quarantine

Abstract

As a main purpose, I pretend to explore and systematize, revisiting research notes, the methodological obstacles encountered in a field research, at the beginning of the coronavirus pandemic, during the first months of 2020. Without the intention of discussing the results obtained after the research process, but taking into account mainly [1] the context, the particularities related to potential informants – people over forty-five years old, without a job, with limited connectivity and residents of a medium-sized city – and [2] the sanitary conditions at the time, the relevance of the strategies adopted for the recruitment of informants and the carrying out of interviews in an unprecedented and critical sanitary context. Therefore, will be also observed the need for physical proximity for the execution of strategies traditionally used in the ethnographic scope and their relevance intermediated and adapted for online application.

Keywords: Quarantine; coronavirus; research; interviews; methodology.

¹ Antropólogo. Doutor (2019) e mestre (2014) em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; bacharel (2011) também em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense. Atualmente, trabalha como Especialista em Pesquisa e Avaliação Qualitativa na área de Monitoramento e Avaliação em uma organização do terceiro setor.

Consideraciones para una Investigación en Cuarentena

Resumen

El propósito del artículo es explorar y sistematizar, a partir de una revisión de las notas de investigación, los obstáculos metodológicos encontrados para realizar una investigación durante el inicio de la pandemia de coronavirus, en los primeros meses de 2020. Sin querer discutir los resultados del proceso de investigación, pero principalmente teniendo en cuenta [1] el contexto, los recortes y las particularidades relacionadas con los potenciales informantes – personas mayores de cuarenta y cinco años, sin trabajo, con conectividad limitada y residentes en una ciudad mediana – y [2] las condiciones sanitarias en el período, se discute la relevancia de las estrategias adoptadas para la realización de entrevistas en un contexto inédito y crítico. También se observa la necesidad de proximidad física para la ejecución de estrategias tradicionalmente utilizadas en el ámbito etnográfico y se discute la pertinencia de las mismas, intermediadas y adaptadas para su aplicación en línea.

Palavras-chave: Cuarentena; coronavirus; investigación; entrevistas; metodología.

Introdução

Em dezembro de 2019 fui selecionado para conduzir uma pesquisa de curta duração, sobre envelhecimento e mercado de trabalho por uma organização privada – um *think tank* bastante conhecido no âmbito das políticas públicas e do planejamento urbano – responsável pelo planejamento e execução do projeto, em parceria com um dos maiores bancos do país, responsável pelo financiamento das ações de pesquisa. O projeto previa atividades entre janeiro e julho de 2020, e estreou presencialmente na segunda semana do ano, em São Paulo, com reuniões e exposições metodológicas. O cronograma de atividades sugeria, ainda, encontros mensais envolvendo toda a equipe na sede da organização – cinco pesquisadores do quadro da casa, apontados pelo financiador como “orientadores”, e nós, outros cinco pesquisadores, os condutores propriamente ditos, selecionados por edital – para a discussão do tema e observação dos progressos individuais.

A minha proposta sugeria basicamente o escrutínio de uma agência de empregos em uma cidade fluminense, na Região dos Lagos, especialmente afetada pela crise na indústria do petróleo e pelos desdobramentos da Operação Lava-Jato. A população da cidade, mergulhada em forte recessão, sofria com o encerramento de postos de trabalho. Surgiu o interesse, a partir do edital, em estudar o mercado de trabalho local e os obstáculos específicos enfrentados por indivíduos acima dos quarenta e cinco anos em busca de recolocação profissional. Para tal, ficou decidido, metodologicamente falando, que eu frequentaria uma agência de empregos, mantida pela Prefeitura Municipal, algumas vezes por semana durante três ou quatro meses, entre fevereiro e junho; que a partir do fluxo de candidatos às vagas anunciadas, selecionaria indivíduos para entrevistar em profundidade, mapeando posturas, ações e opiniões relativas ao binômio procura de emprego e envelhecimento. Não contávamos com uma pandemia.

Para contextualizar melhor, surte efeito traçar uma breve cronologia: entre os dias 13 e 17 de janeiro, os pesquisadores selecionados se reuniram na sede do financiador, em São Paulo,

Notas sobre uma pesquisa em quarentena

para uma semana de imersão metodológica; em 26 de fevereiro, o Ministério da Saúde confirmava o primeiro infectado pelo SARS-CoV-2 no Brasil — um homem, também em São Paulo. No dia 4 de março, novamente em reunião na sede do financiador, com todos os outros participantes, discuti o início da coleta de dados e algumas pendências metodológicas, retornando ao Rio de Janeiro dois dias depois. Em 11 de março de 2020, uma quarta-feira, a Organização Mundial de Saúde declarou que o mundo enfrentava uma pandemia. No dia 15 de março a Prefeitura Municipal da cidade que me serviria de campo decretou o fechamento do comércio e a suspensão de todas as atividades administrativas consideradas não-essenciais, incluindo o funcionamento da agência de empregos.

Tratava-se, portanto, de uma dinâmica que inicialmente abrangia [A] contato direto em um local público com indivíduos [B] entre os quarenta e cinco e os sessenta e cinco anos, [C] à procura de postos de trabalho, [D] moradores de uma cidade de médio porte fortemente afetada pela crise econômica. Em contrapartida, poucas semanas depois, [A'] estavam instauradas as medidas que proibiam contato direto entre indivíduos e aglomerações; [B'] sabia-se que indivíduos mais velhos estavam no grupo de risco da doença e [C'] com os decretos relativos ao fechamento do comércio, a atividade econômica local despencou, [D'] sobrepondo, na esfera municipal, uma crise em cima da outra, complicando ainda mais o já conturbado mercado de trabalho local. Em todos os aspectos, enfim, a crise sanitária foi uma pá-de-cal nas minhas pretensões exploratórias primárias.

As páginas a seguir refletem as alternativas adotadas, os sucessos e falhas oriundos das tentativas, primeiro, de viabilizar uma pesquisa profundamente afetada pela emergência sanitária e, depois, finalmente concluí-la. Para tal, organizei-as muito a partir das minhas notas de pesquisa, do caderno que mantive à guisa de diário. Eventualmente, pontuarei a discussão com outras referências sobretudo em âmbito metodológico, com a intenção de confrontar o que é normalmente prescrito pelos autores com o que foi efetivamente possível realizar no campo em um contexto sanitário praticamente inédito no que diz respeito à pesquisa etnográfica.

Preparativos frustrados

O projeto de pesquisa inicialmente apresentado indicava um problema metodológico particular, a sobreposição de três camadas – cidade, indivíduo envelhecido e mercado (de trabalho) – à procura de uma área de articulação que permitisse, em sentido amplo, descrever um contexto específico. Em outras palavras, conhecer, ainda que de forma preliminar, as dificuldades enfrentadas por indivíduos acima dos quarenta e cinco anos, em busca de recolocação profissional, em um contexto territorial de encerramento de postos de trabalho – na indústria e conseqüentemente no setor de serviços – fortemente afetados por desdobramentos econômicos singulares. Por último, existiam certas questões importantes no que se refere ao cronograma: a chamada proposta pelo financiador situava a pesquisa em uma espécie de zona cinzenta entre a produção acadêmica e a pesquisa institucional. Isto é, se por um lado, existiu um aparato acadêmico mobilizado, pesquisadores sêniores orientando os mais jovens e a oferta de preparação metodológica a partir de uma semana de imersão, por outro, os cronogramas eram estreitos, os prazos apertados e as entregas e abordagens solicitadas sugeriam mais a análise de dados quantitativos em sentido estrito do que, efetivamente, compreendiam perspectivas qualitativas, ora subjetivas, mais associadas à tradição antropológica.

Apesar das limitações cronológicas e divergências metodológicas que incidiam diretamente sobre o escopo do trabalho, a quantidade e a qualidade dos dados coletados, ficou acordado entre as partes envolvidas no processo de execução – conforme apontado anteriormente – que tomaríamos como epicentro uma agência de empregos mantida pela prefeitura municipal local. O atendimento no balcão funcionava de segunda à sexta, entre as nove e as dezoito horas, e as vagas disponíveis eram atualizadas duas vezes por dia, em uma página on-line. Muito embora as vagas de emprego fossem divulgadas na internet, todo o processo de candidatura era realizado presencialmente; os candidatos de toda a cidade acompanhavam a atualização on-line nos horários

Notas sobre uma pesquisa em quarentena

programados e quase imediatamente, surgindo uma vaga que despertasse interesse, se encaminhavam para as instalações da agência.

Vale ressaltar que agências de emprego mantidas pelas prefeituras locais são iniciativas comuns na região, levando em consideração o enorme crescimento demográfico ocorrido nas últimas décadas, motivado pelo desenvolvimento industrial. Resumidamente, o equipamento funcionava canalizando postos de trabalho, gerados no setor de serviços ou na área industrial, e promovendo interlocução entre os possíveis empregadores e a população, à medida que as pequenas e médias empresas locais ainda não estão (ou não estavam) plenamente organizadas no que se refere às estratégias de recrutamento e aproveitamento de recursos humanos.

Pensando em otimizar a coleta de dados aproveitando melhor o fluxo de candidatos, propus, inicialmente, acompanhar os dois horários posteriores à divulgação, *in loco*, duas ou três vezes por semana durante três meses. A partir do próprio fluxo, contando com o apoio dos funcionários do balcão, selecionaria homens e mulheres acima dos quarenta e cinco anos entre os candidatos e aplicaria um questionário com algumas perguntas norteadoras – por exemplo, grau de escolaridade, naturalidade, quantos meses desempregado etc. – e faria um recrutamento de indivíduos aptos à concessão de entrevistas em profundidade.

Por último e principalmente, a observação dinâmica do próprio local fundamentaria e/ou completaria a coleta dos dados. O que estava em pauta portanto, aliás, era um certo viés etnográfico, ainda que muito localmente circunscrito: o compartilhamento do espaço, o convívio com os indivíduos à procura de emprego, a leitura nas entrelinhas das subjetividades, dos códigos, das posturas e expressões para, enfim, “tentando penetrar nas formas de vida que lhe são estranhas”, entender que “a vivência [...] delas passa a ter, cumpre uma função estratégica no ato de elaboração do texto, uma vez que essa vivência [...] passa a ser evocada durante toda a interpretação do material etnográfico no processo de sua inscrição no discurso da disciplina” (OLIVEIRA, 1996, p. 31). Isto é,

Notas sobre uma pesquisa em quarentena

resumindo, para ficar no somatório de Roberto Cardoso de Oliveira com Claude Lévi-Strauss (1997), o processo metodológico escolhido para a conclusão do trabalho remetia da maneira mais simples possível à gênese do trabalho etnográfico: olhar, escutar, ler, escrever...

Tratava-se, enfim, de uma proposta ampla, metodologicamente clássica, para um problema muito geograficamente localizado e que deveria ser examinado em um curto espaço de tempo. O esforço etnográfico concentrado na agência de empregos resolvia a sobreposição das três camadas – os indivíduos, a cidade, o mercado – porque a agência representava, ela própria, o fio-condutor que atravessava todo o contexto. Exigia-se, no entanto e prioritariamente, o esforço mais elementar previsto na tradição etnográfica: o “estar lá” (GEERTZ, 2005) se tornou impossível e o contato direto entre pesquisador e informante se tornou, dentro dos limites metodológicos inicialmente propostos, inviável.

Em outras palavras, entendo que, naquele momento, o que a tradição não previa era a indisponibilidade física de interlocução entre seres humanos no momento da coleta primária de dados – o isolamento social colocou terminantemente em xeque todas as estratégias de pesquisa que consolidamos aproximadamente nos últimos cento e cinquenta anos, e que utilizamos recorrentemente em todos os processos de exploração etnográfica. A emergência sanitária deu visibilidade a uma obviedade absoluta que, por não se apresentar cotidianamente como um obstáculo, acaba obscurecida ou recalcada nos muitos manuais de prática: a produção de conhecimento a partir do fazer antropológico se dá, necessariamente, a partir do contato direto entre os seres humanos.

Neste sentido, é importante ressaltar, quando me refiro ao ineditismo situacional gerado a partir do contexto pandêmico, levo em consideração justamente a impossibilidade de contato direto entre indivíduos – e não apenas limitações físicas ou geográficas. Aprendemos, por exemplo, nos primeiros períodos de graduação, a diferenciar em seus propósitos uma etnologia – feita à distância ou *no gabinete* – de uma etnografia, à medida que as estratégias e esforços para aproveitamento dos dados são metodologicamente

Notas sobre uma pesquisa em quarentena

distintas; ou então, somos induzidos a procurar saídas criativas quando não conseguimos efetivamente abertura ou acesso físico direto ao campo: sabemos que Marcel Mauss transformou as observações de Malinowski sobre a circulação de objetos cerimoniais nas Ilhas Trobriand em um imenso estudo comparativo sobre reciprocidade n' *O Ensaio sobre a Dádiva*, ou que Ruth Benedict foi capaz de escrever sobre o Japão e os japoneses durante a Segunda Guerra utilizando informantes radicados em solo americano em *O Crisântemo e a Espada*. Ou ainda sugerimos, de forma anedótica, nos corredores dos departamentos de Antropologia, uma saída desesperada para driblar constante falta de recursos – “importar” informantes indígenas, diretamente das aldeias estudadas, para uma temporada na cidade de origem do pesquisador... Todavia, é fundamental reconhecer que tudo o que foi produzido nas ciências sociais, sobretudo em âmbito antropológico, parte, *em algum momento*, do contato primário, direto, entre o pesquisador e o seu objeto de pesquisa – *in situ* ou, *no mínimo*, a partir de referências e informantes.

É evidente que este é um fundamento comum, em maior ou menor escala, a todas as ciências sociais, mas, em relação à Antropologia, a inaptidão dos dispositivos de pesquisa tradicionais para transpor o isolamento social talvez se demonstre mais nitidamente, conforme ficará mais claro na etapa dedicada ao redesenho das pesquisas envolvidas no projeto. Por hora, em outras palavras, basta assinalar que o *ver* e o *escutar* pretendidos por Lévi-Strauss (1997) são estratégias inúteis, à medida que se tornam impossíveis; na falta de uma observação participante, *in situ*, o ofício do etnólogo fica tradicionalmente restrito à leitura e à escrita, mas, quando nos referimos ou pesquisamos uma população específica – indivíduos desempregados acima dos quarenta e cinco anos – e geograficamente circunscrita – moradores de uma cidade de médio porte no litoral do Estado do Rio de Janeiro – o esforço bibliográfico é extremamente limitado e insuficiente para responder, efetivamente, às perguntas propostas. Olhar distanciado, afinal, *mas não muito*.

Novamente no que se refere à pesquisa sobre envelhecimento e mercado de trabalho, os primeiros momentos de isolamento social

Notas sobre uma pesquisa em quarentena

trouxeram dois desdobramentos importantes, o primeiro englobando todas as questões burocráticas e institucionais, como prazos para entrega do produto final, pagamentos e reestruturações internas tanto da organização executora quanto do financiador. Era evidente que, em um contexto inédito e conseqüentemente caótico – com informações sanitárias desconhecidas, crescimento exponencial diário do número de contaminados e primeiras vítimas fatais –, uma pesquisa institucional de curto prazo não estava entre as prioridades pessoais dos pesquisadores ou estruturais das organizações; era preciso, portanto, botar ordem na casa e consolidar um mínimo de informações pertinentes sobre a realidade sanitária antes de retomar o projeto. Neste sentido, entramos em um período de latência, com contatos esporádicos por correio eletrônico sugerindo uma reavaliação quinzenal do contexto sanitário², até o remanejamento total das reuniões de equipe do projeto para âmbito remoto, após cerca de dois meses de intervalo.

O segundo era a exigência de um redesenho da abordagem metodológica. Mesmo que o retorno às atividades sociais normais se desse brevemente, estava claro que o esfriamento econômico em uma região já fortemente afetada por crises pregressas e dependendo muito de um calendário turístico, de negócios ou eventos culturais – área fortemente impactada pela pandemia³ – para fomentar o setor de serviços e, conseqüentemente, a geração mais imediata de postos de trabalho, se agravaria consistentemente. Em outras palavras, a proposta etnográfica tomando como epicentro um balcão de empregos, fechado e sem perspectiva de abertura funcional nos meses seguintes estava definitivamente descartada já no início do isolamento.

²Vale lembrar que durante as primeiras semanas de pandemia, sobretudo, existia uma esperança de término precoce ou de afrouxamento das medidas de isolamento, muito a partir da lembrança geral relativa à pandemia de Gripe A (H1N1), ocorrida 12 anos antes. Ao contrário, como sabemos, os números de contágio e mortes cresceram exponencialmente nos primeiros meses e, em maio de 2020, no momento de retomada do calendário relativo à execução da pesquisa, transformamos as primeiras dez mil vidas em estatística – lamentavelmente uma pequena fração do porvir.

³Ver, por exemplo, AMARAL, R. C.; FRANCO, P. A. I. e LIRA, A. L. C. (Orgs.). “Pesquisa de percepção dos impactos da COVID-19 nos setores cultural e criativo do Brasil: resumo”. UNESCO, 2020. Disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000375069?posInSet=13&queryId=341e9048-f941-45cf-8445-efdb43251ed0>. Consultado em 14 de outubro de 2022.

Notas sobre uma pesquisa em quarentena

Reorganizadas as estruturas institucionais, o prazo de entrega do produto final foi alongado por apenas três meses e reuniões praticamente quinzenais entre os pesquisadores e os seus respectivos “orientadores” foram agendadas. Aqui, é importante informar que se tratava de uma equipe multidisciplinar, que as cinco propostas selecionadas em edital deveriam resultar em artigos que, reunidos, seriam publicados em obra editada pela instituição executora, com despesas pagas pelo financiador. As abordagens, portanto, eram diferentes: três das quais eram análises quantitativas, mais orientadas à estatística e à ciência política e realizadas a partir de bases de dados disponíveis na internet, como RAIS e PNAD. Neste sentido, as adaptações metodológicas no que se refere à execução dessas propostas foram mínimas – necessitam apenas da expertise do pesquisador, um bom computador e conexão adequada à internet.

Por outro lado, as propostas com abordagens qualitativas enfrentaram severas dificuldades, à medida que o tempo passava sem acesso restabelecido, no mínimo, às estratégias usuais de recrutamento de informantes. Surtia efeito, portanto e para cumprir o estreito prazo de entrega, restringir a quantidade de entrevistas a um “mínimo executável” e otimizar os roteiros cumprindo pontos específicos mais estritamente relacionados ao tema. As possibilidades exploratórias incluídas na dinâmica etnográfica estavam perdidas e, para todos os efeitos, o “mínimo executável” partia de uma redução no tamanho das amostras inicialmente pretendidas e à realização de uma espécie de busca ativa de informantes muito a partir de redes sociais ou articuladas mediante contatos pessoais anteriores. Foram estas as sugestões oferecidas pelos profissionais da organização executora e, no fim, acatadas ao menos parcialmente. Parcialmente porque, mais uma vez, esbarrei em limitações que transcendiam as formalidades dos manuais de metodologia de pesquisa. Tentar recrutar nas redes sociais foi difícil por vários motivos, entre eles a baixa taxa de resposta dos informantes em potencial a partir de uma abordagem direta, após o recorte específico de público pretendido.

Sobre o recrutamento on-line, sem entrar em detalhes, deixo indicado que alguns cientistas assinalam que a estratégia pode

Notas sobre uma pesquisa em quarentena

gerar quantidade amostral significativamente relevante, mas que é importante ratificar, como o faz Bárbara Costa (2018, p. 33) que “o perfil dos participantes não pode ser generalizado devido a sua natureza não probabilística”. No mais, considero perfeitamente possível recrutar respondentes mesmo dentro de um perfil muito específico em redes sociais nas áreas metropolitanas, como Rio de Janeiro ou São Paulo⁴ – existem, inclusive, conforme constatei na época, inúmeros grupos em redes sociais dedicados ao compartilhamento de vagas de emprego localizadas em grandes cidades – mas que a tarefa pode ser inglória em localidades menores.

Neste caso, portanto, a pesquisa levava em consideração especificamente os moradores de uma cidade de médio-porte no litoral do Rio de Janeiro, com população inferior a 160 mil pessoas e que ainda obedecia, ao menos no que se refere à inserção no mercado de trabalho, à lógica do boca-a-boca – os métodos de recrutamento mais funcionais, contatou-se, mesmo durante o isolamento social, precisavam necessariamente acionar “redes” off-line, pautadas principalmente pelo contato direto entre os indivíduos, construídas muito a partir da noção de comunidade.

Em outras palavras, “o problema não é [era] só de ordem operacional, mas tem a ver com mudar uma estratégia de pesquisa clássica, amplamente usada e reconhecidamente eficaz para os antropólogos: ir à algum lugar, estabelecer contato com as pessoas, estar com elas, conversar com elas, aprender com elas e compreender as suas teorias sobre o mundo” (DOURADO, 2020, p. 158). Isolado na frente de um computador e sem encontrar respaldo nos dispositivos que eu tradicionalmente aplicaria à questão, no entanto, como explorá-las?

Os informantes e o isolamento social

⁴Mais uma vez, aliás, vale compartilhar as conclusões de Bárbara Costa, “São Paulo possui a maior densidade populacional do país e mais da metade dos paulistas estão conectados à internet, o que o diferencia de muitos outros estados brasileiros, onde menos da metade da população é [ou era na ocasião do levantamento, em 2016] composta de internautas” (COSTA, 2018, p. 32).

Notas sobre uma pesquisa em quarentena

A alternativa encontrada para solucionar a questão foi, de fato, a mobilização de contatos pessoais. Neste sentido, é importante ressaltar que, enquanto ex-morador da cidade que me serviria de campo, ainda possuía no local uma rede de contatos razoavelmente bem articulada: amigos de infância, colegas de escola e alguns poucos contatos entre os funcionários da prefeitura municipal – que, em um momento final, foram extremamente valiosos ao liberar acesso a um cadastro de vendedores ambulantes na secretaria municipal de turismo e, assim, arrematar as últimas entrevistas necessárias à consolidação dos dados – fizeram a ponte com pessoas que se encaixavam no recorte da pesquisa ou que, ao menos, poderiam indicar outras pessoas mais de acordo com o perfil.

Assim, conversei com treze pessoas à procura de recolocação no mercado de trabalho, seis homens e sete mulheres, entre 45 anos e 65 anos de idade. Os critérios para o recrutamento desses entrevistados foram delimitados da seguinte maneira: entre fevereiro e o encerramento das atividades da agência de empregos durante a pandemia – um intervalo de aproximadamente vinte dias – observei todas as atualizações do quadro de vagas do banco de empregos que me serviria inicialmente como epicentro, divulgadas na página da repartição na internet. Foram ofertadas, nesse intervalo, 59 vagas. Entre elas, 35% do total de anúncios indicavam um teto de idade para as candidaturas. Organizando todas elas em uma planilha simples, calculei uma média do limite de idade requerido pelos postos de trabalho assinalados e encontrei um valor muito próximo aos 45 anos. Tomando o resultado como margem de abertura, limitei como critério de fechamento os 65 anos – idade mínima para a concessão do Benefício de Prestação Continuada (BPC), que garante um salário mínimo mensal de renda ao idoso economicamente vulnerável.

Para entender também a perspectiva dos empregadores, escolhi complementar a coleta consultando outros profissionais que diz respeito à geração de postos de trabalho na cidade. Consegui acionar, novamente a partir de contatos pessoais, dois empresários ligados, respectivamente, à área *offshore* e ao setor de serviços; dois

Notas sobre uma pesquisa em quarentena

gestores de recursos humanos atuantes na região e, por último e por escrito, dois funcionários públicos municipais ligados a pastas estratégicas – Turismo e Emprego e Renda – que responderam questões sobre estratégias do poder público municipal em relação ao fomento da economia e criação de postos de trabalho.

Entrei em contato, portanto, com dezenove pessoas – dezessete das quais entrevistadas de forma semiestruturada. Muito embora não tenha estipulado inicialmente no projeto de pesquisa uma quantidade específica de entrevistas pretendidas a partir da ideia inicial envolvendo o balcão de empregos, levando em consideração as condições sanitárias, o cronograma apertado e todo o processo de redesenho metodológico, considerei o número final satisfatório.

Por último, seguindo sugestões de alguns colegas, tentei recorrer ao recrutamento “por bola de neve” (ou *snowball*), solicitando aos entrevistados iniciais que eles próprios me encaminhassem amigos e conhecidos também à procura de emprego para novas entrevistas. Normalmente eficiente em pesquisas “sobre temas de âmbito privado ou com populações de difícil acesso” (BOCKORNI e GOMES, 2021, p. 110), a estratégia não surtiu efeito relevante. Isto é, apesar de ter usado os meus contatos pessoais como *sementes* com algum sucesso, as etapas posteriores – a formação da bola de neve propriamente dita – não funcionaram efetivamente. Entre os motivos da falta de sucesso, a título de hipótese, imagino que o próprio contexto sanitário tenha dificultado a comunicação entre as partes: levando em consideração o que foi exposto em algumas falas, é possível afirmar que os entrevistados mantinham contato com outras pessoas à procura de recolocação apenas em ambientes públicos ou eventos sociais, como igrejas ou o próprio balcão de empregos, deixando os canais remotos, como telefone, comunicadores e redes sociais em âmbito quase exclusivamente familiar, sobretudo durante o período de isolamento⁵.

⁵Talvez uma particularidade de amostra, poucos relataram participar ativamente de grupos no WhatsApp ou no Facebook, salvo novamente o âmbito familiar. Em geral, esses grupos on-line de compartilhamento de vagas de emprego não foram enumerados entre as estratégias relevantes em busca de recolocação no mercado. Mesmo entre os entrevistados mais jovens, por exemplo, adotava-se principalmente como tática primária para a reinserção sucessivos pedidos de

Notas sobre uma pesquisa em quarentena

Já no que diz respeito às estratégias de coleta adotadas, mesmo com a necessidade de manutenção do isolamento social, oito entre as dezenove consultas ocorreram presencialmente, cumprindo apenas parcialmente às orientações relativas ao distanciamento. Isso ocorreu por alguns motivos, dentre os quais principalmente a falta de acesso ou de familiaridade às soluções corporativas ou aplicativos de chamadas de vídeo no momento das entrevistas. Em outras palavras, os profissionais entrevistados com alguma vivência no mundo corporativo, mesmo os desempregados, se adaptaram mais facilmente às reuniões remotas; por outro lado, alguns entrevistados, sobretudo os mais ligados à prestação de serviços – que normalmente trabalham ou trabalhavam em ambiente quase totalmente off-line, encontraram dificuldades e ou recusaram a aplicação on-line ou não conseguiram entender o ambiente virtual das salas de videoconferência.

Paralelamente, à medida que as entrevistas se realizavam, acompanhei as considerações do professor Daniel Miller – antropólogo especialista em cultura material e consumo – em seu canal no YouTube, recebidas a título de orientação, para compor a estratégia de coleta. O professor Miller sugere que “mesmo sob essas restrições [a pandemia, o isolamento social], é realmente possível que você possa conduzir uma etnografia tão original, significativa e perspicaz quanto qualquer outra que tenha conhecido” (MILLER, 2020, p. 2) e afirma, a partir da experiência de uma ex-orientanda, que a comunicação pode ser ainda melhor via internet, com informantes *mais abertos*.

É possível levar em consideração, ainda, uma série de outros trabalhos relativos à atuação de seres humanos em ambientes virtuais e os seus desafios metodológicos específicos: toma-se a conjugação entre o *modus operandi* analógico tradicionalmente atribuído ao trabalho de campo e o universo digital em, por exemplo, redes sociais ou mesmo simuladores de vida real (ver, p. ex., HINE, 2001 e LEITÃO & GOMES, 2011); discute-se a experiência

compartilhamento de currículos a contatos próximos ou pedidos de recomendações de amigos e parentes a empregadores em potencial.

Notas sobre uma pesquisa em quarentena

de trocas e compras on-line, a intermediação do virtual e a relação entre indivíduos, imbricadas, por exemplo, nas clássicas teorias sobre a dádiva (LEITÃO, 2011); ou, ainda, no âmbito dos estudos de gênero, trata-se sobre grupos de homens gays que se sentem seguros interagindo apenas por salas de bate-papo (cf. MISKOLCI, 2009) – mas, via de regra, minimiza-se o meu problema fundamental: o acesso do pesquisador às pessoas que efetivamente fornecem as informações pretendidas, seja de forma fisicamente direta ou intermediada por redes.

Ora, focando em primeiro plano nas entrevistas on-line realizadas neste momento do meu binômio pesquisa e pandemia, infelizmente minha experiência diferiu amargamente da narrada pelo prof. Miller: levantando hipóteses, a orientanda de doutorado provavelmente entrevistou (jovens?) europeus, familiarizados com a tecnologia, com acesso à internet de qualidade e *gadgets* bem qualificados; eu entrevistei homens e mulheres acima dos quarenta e cinco anos, alguns já idosos, todos desempregados e residentes em uma cidade de médio porte afastada da Zona Metropolitana do Rio de Janeiro – o acesso à internet e a qualidade do sinal é razoavelmente precário; os aparelhos celulares e computadores, levando em consideração a falta de renda, provavelmente estavam obsoletos. A qualidade da chamada, na maioria das vezes, foi baixa; em três ocasiões, a internet do respondente não suportou chamada de vídeo e a reunião funcionou quase como uma chamada telefônica. Em outras palavras, resumidamente, é importante levar em consideração que, em uma pesquisa realizada em âmbito virtual, seja no Facebook ou no Second Life, está entendido desde o início que os informantes possuem pleno acesso às redes, aos serviços, ao Facebook e ao Second Life. O meu contexto, evidentemente, era diametralmente oposto.

Levando em consideração todos esses aspectos, é evidente que a coleta remota de dados qualitativos saiu prejudicada, exigindo um esforço enorme de tempo e vontade de ambos os lados, entrevistador e entrevistado, para o cumprimento do roteiro e a boa qualificação dos dados. Conseqüentemente, tampouco é possível afirmar que os entrevistados se demonstraram “mais abertos” à pesquisa em ambiente virtual: ao contrário, em quatro

Notas sobre uma pesquisa em quarentena

ocasiões os entrevistados lamentaram não podermos compartilhar, naquela situação, um bom café com um pedaço de bolo⁶ ou um pão francês quentinho...

Voltando ao assunto principal, é preciso reconhecer, no entanto, que o próprio Daniel Miller antecipa as minhas percepções quando afirma:

[...] um engajamento on-line será diferente para cada população com que você trabalhe e, é claro, em diferentes níveis (para abranger todos os indivíduos com quem você trabalhe). Você precisará de um entendimento disso ou de formas específicas de envolvimento, como você necessitaria em qualquer outro tipo de etnografia off-line. Portanto, assim como existem muitos contextos off-line com os quais você pode trabalhar, também quero afirmar que há diversificados contextos on-line e a experiência em cada um será verdadeiramente diferente. (MILLER, 2020, p. 3)

Neste sentido, tomando um certo distanciamento cronológico das minhas próprias observações, é importante assumir que muita coisa mudou por exemplo nas minhas relações de trabalho ou mesmo em âmbito interpessoal durante o período de confinamento. No que se refere à prática de pesquisa, tanto em âmbito acadêmico quanto na aplicação de dispositivos em pesquisas de mercado, está clara uma tendência acelerada pelo isolamento social à consolidação do virtual, do que está nas redes sociais e na forma como interagimos e consumimos remotamente como ênfase nos estudos antropológicos. É verdade que não faltam ressalvas à prática, como por exemplo a necessidade de “revisão dos padrões de cientificidade”(cf. SOARESE e STENGEL, 2021, p. 9) e ao bom uso metodológico de dispositivos etnográficos, mas é impossível negar a existência do virtual nas relações sociais e do desdobramento de estratégias de pesquisa em *netnografias* (ver FERRO, 2015).

⁶É como sugere, afinal e entre outros, o antropólogo Roberto DaMatta, quando fala em fortalecimento de vínculos, no Brasil, a partir da comensalidade. (ver DAMATTA, R. "Sobre comidas e mulheres". In. *O que faz o Brasil, Brasil?*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1987.)

Notas sobre uma pesquisa em quarentena

No fim, todos esses desdobramentos sugerem perdas e ganhos. Se por um lado podemos argumentar que os computadores atuam como mediadores e, em certo sentido, dissolvem uma série de elementos importantes para a teoria antropológica, observáveis a partir de contato direto – como sugerem os autores clássicos inicialmente abordados neste trabalho, do “estar lá” de Geertz (2005) ao ver e ouvir de Lévi-Strauss (1997), por outro a consolidação das relações sociais, dos ambientes virtuais e da dinâmica comunicacional por eles permitida de fato acrescenta inúmeras possibilidades ao trabalho do antropólogo ou do etnógrafo que, no mínimo, merecem ser discutidas.

Amparado nas minhas próprias experiências profissionais e em quase dois anos de distância das notas de pesquisa que originalmente motivaram este trabalho, percebo com um certo estranhamento que eu mesmo estou relativamente acostumado, atualmente, às entrevistas on-line. Não foram poucas as entrevistas em profundidade que eu conduzi remotamente nos últimos vinte meses e, muito embora persista acreditando na preponderância do convívio direto para a observação e a coleta de dados qualitativos, a utilização de aplicativos de conferência para a realização das entrevistas em âmbito remoto pode ser consideravelmente funcional e rentável, principalmente a partir do perfil do respondente. A eficiência do *transplante de método*, portanto e por assim dizer, esforços, varia caso-a-caso, perfil-a-perfil, situação-a-situação. E, neste sentido, para resumir o argumento:

O que distingue a configuração do novo paradigma tecnológico é a sua capacidade de reconfiguração, um aspecto decisivo em uma sociedade caracterizada por constante mudança e fluidez organizacional. Tornou-se possível inverter [ou mudar?] as regras sem destruir a organização, porque a base material da organização pode ser reprogramada ou reaparelhada. Porém, devemos evitar um julgamento de valores ligado a essa característica tecnológica. [...] é essencial manter uma distância entre a avaliação do surgimento de novas formas e processos sociais, induzidos e facilitados por novas tecnologias, e a extrapolação das consequências potenciais desses avanços para a sociedade e as pessoas: só análises específicas e observação empírica conseguirão determinar as consequências da

Notas sobre uma pesquisa em quarentena

interação entre as novas tecnologias e as formas sociais emergentes.
(CASTELLS, 1999, p. 109)

Por último, é importante ressaltar que a experiência de adaptação metodológica em um cenário pode não ter *rendido*, na falta de palavra melhor, os melhores resultados acadêmicos. Todavia, o isolamento social transformou-se, ao fim e a título de aprendizado, uma experiência valiosa. Resta, no entanto, um breve comentário sobre a execução das entrevistas presenciais, inevitáveis em vista do público da pesquisa. Sendo assim, conforme será explorado nas próximas páginas, foi necessário, em um contexto de desinformação, tentar minimizar riscos em relação à saúde de todos envolvidos – a minha, inclusive – a partir da adoção de posturas específicas.

Esatégias presenciais e grupos de risco

Mesmo cumprindo à risca o isolamento social em todos os outros aspectos cotidianos, não foi possível encerrar o trabalho de coleta dentro do prazo combinado com as instituições patrocinadoras sem promover oito encontros presenciais. Entre os oito entrevistados presencialmente, dois empresários locais e seis senhores e senhoras, acima dos quarenta e cinco anos, em busca de recolocação no mercado de trabalho. Todas as entrevistas ocorreram a partir do início de maio de 2020, se estendendo mais ou menos até o início ou meio de julho do mesmo ano. Cronologicamente falando, no que se refere à pandemia, estávamos ainda em um período marcado pela desinformação e, à medida que os números e infectados e mortos cresciam diariamente, o receio de receber um estranho para uma conversa era latente.

Por outro lado, paralelamente, com o fechamento do comércio e o encerramento, provisório ou não, de milhões de postos de trabalho e de toda a economia informal que orbita as atividades regulamentadas, foi implementado, em abril de 2020, o chamado Auxílio Emergencial. Neste sentido, levando em consideração que entre os seis entrevistados, dois garantiam o sustento exercendo

Notas sobre uma pesquisa em quarentena

atividades informais e quatro contando com o suporte da família – filhos e cônjuges, principalmente – as primeiras entrevistas, que ocorreram na esteira do primeiro pagamento do auxílio, ocorreram embaladas em uma certa aura de esperança e otimismo. Uma das entrevistadas conta, por exemplo, utilizou a primeira parcela para investir em um pequeno negócio, com a ajuda do marido recém-desempregado: um *delivery* de comida caseira. A conversa ocorreu no intervalo das atividades, após o almoço e antes do fim do dia, quando ela e o marido entregavam em uma bicicleta doces e refeições rápidas. Um dos empregadores consultados também estava envolvido no ramo dos alimentos: o empresário me recebeu para conversar em uma das mesas do seu restaurante, famoso na cidade e trabalhando na ocasião apenas com entregas. Todo o processo apressado de despacho das refeições era nítido de onde estávamos: os entregadores recebiam um ou mais pacotes diretamente da cozinha, recolhiam o comprovante de pagamento no caixa e saíam porta afora, levando no máximo dois ou três minutos dentro do estabelecimento.

Foi preciso adaptar as rotinas produtivas. E isso esteve refletido nos processos de entrevistas tanto no que se refere à influência do assunto na pauta – o tema coronavírus foi muito recorrente, como não poderia deixar de ser, em todas as entrevistas, mas provavelmente ainda mais naquelas realizadas presencialmente – quanto na própria lógica de aplicação. Um aspecto interessante, por exemplo: entre todos os oito entrevistados presenciais, tenho certeza de que consigo reconhecer apenas uns quatro, que por algum motivo não utilizaram máscaras ou porque foram entrevistados em casa e sentiam-se seguros, ou porque tiraram-nas brevemente durante as entrevistas. Todos os outros permaneceram com os rostos cobertos durante todo o tempo. E a recíproca é verdadeira: em nenhum momento deixei o rosto desprotegido; provavelmente os meus entrevistados presenciais também não me reconheceriam nas ruas atualmente.

Por si só, a falta de um contato facial direto, a incapacidade de observar plenamente as fisionomias e os trejeitos, já significa uma perda consistente – sobretudo quando levamos em consideração as clássicas recomendações de Lévi-Strauss (1997) e Roberto

Notas sobre uma pesquisa em quarentena

Cardoso de Oliveira (1996) no que se refere ao *ver* – em relação à criação de vínculos e à própria natureza do conteúdo comunicado. A minha preocupação com a manutenção de uma distância mínima – não dividindo por exemplo o mesmo sofá, insistindo sempre que possível em espaços abertos ou procurando, em uma mesa, o lugar mais distante do interlocutor – também, em certos momentos, se tornaram obstáculos: muitas falas se tornaram quase incompreensíveis durante a transcrição dos áudios, os sons ambientes muitas vezes sobressaíam às vozes e a ausência de uma proximidade significativa que permitisse, conforme citei anteriormente e por exemplo, a comensalidade – a regra, afinal, era recusar café, água e qualquer tipo de oferta sobretudo para não ter que retirar a máscara. Em várias ocasiões, ainda, senti a necessidade de aplicar explicitamente álcool em gel nas mãos, não por medo de contaminação, mas para demonstrar para os entrevistados que eu estava cumprindo cuidadosamente as recomendações sanitárias.

Muito embora não haja escopo neste trabalho para tratar o tema com a atenção que ele merece⁷, deixo apenas registrado que todas as entrevistas presenciais realizadas durante o período inicial de quarentena obedeceram a uma lógica própria no que se refere, também, à performance, à execução teatralizada dos papéis sociais envolvidos no contexto. Enquanto “doutor”, “pesquisador”, “produtor de conhecimento” e “cientista”, eu me senti obrigado a respeitar e a demonstrar respeito, cuidadosamente, a todas as recomendações sanitárias veiculadas nas mídias – mesmo descumprindo, por motivos de força maior, a principal: o isolamento em si, o “fique em casa”. Neste sentido, mesmo sabendo que as minhas mãos estavam limpas e desinfectas, enxaguava três ou quatro vezes por entrevista as mãos em álcool, ora deliberadamente, ora, imagino, inconscientemente. No que se

⁷Desdobramentos possíveis e interessantíssimos, por sinal, sob a égide, por exemplo, da microssociologia de Erving Goffman (1963 e 2014) ou levando em consideração a relação entre status e papel social conforme Talcott Parsons (1954) ou Ward Goodenough (1965). É possível, ainda, estender a discussão e levar em consideração a autoapresentação do pesquisador em diferentes contextos, incluindo o âmbito virtual – ver novamente Débora Leitão e Laura Graziela Gomes (2011) e Christine Hine (2001 e 2020). Não há, no entanto, lamentavelmente, espaço suficiente neste trabalho para desenvolver tais discussões.

Notas sobre uma pesquisa em quarentena

refere às máscaras, utilizei desde o início utensílios descartáveis, em um primeiro momento cirúrgicas e, posteriormente, conforme as informações relativas à segurança de cada modelo se consolidavam, PFF2 – trocadas esporadicamente, geralmente a cada duas ou três horas. Esse cuidado (ou melhor, no caso, essa quase paranoia) com as recomendações sanitárias, mas, talvez principalmente, em demonstrar obediência às recomendações sanitárias, envolvia também um aspecto importantíssimo da pesquisa: quase todos os meus interlocutores estavam dentro ou próximos, no que se refere à idade (e em alguns casos, às comorbidades), aos grupos de risco do coronavírus.

Entrevistei em profundidade ao todo, conforme indiquei anteriormente, dezessete pessoas. Entre elas, treze indivíduos desempregados, homens e mulheres acima dos quarenta e cinco anos. Entre os treze, três indivíduos acima dos 60 anos e cinco outros acima dos 55, restando outros cinco com idade entre os 45 e os 55 na época das entrevistas. Entre os mais novos, descobri ainda que um dos indivíduos possuía histórico de doenças respiratórias, estava incluído, portanto, entre aqueles comumente apontados como “grupo de risco”. Destes treze entrevistados, portanto, entrevistei quatro pessoas que já eram considerados “grupo de risco” e cinco outras que, acima dos 55 anos, geravam preocupação. Por sorte, todos os indivíduos acima dos 60 anos foram entrevistados de forma remota, contando com o auxílio sobretudo dos filhos para minimizar as dificuldades técnicas; em contrapartida, todos os cinco indivíduos acima dos 55 anos e o indivíduo asmático foram entrevistados presencialmente.

Durante cerca de três meses, entre maio e agosto, as minhas únicas atividades externas envolviam apenas a coleta de dados e as entrevistas presenciais ocorreram de forma mais ou menos espaçada, com alguns dias ou semanas de intervalo entre uma e outra. Mesmo assim, sobretudo no início da pandemia e durante a circulação da primeira cepa do vírus, a expressão “grupo de risco” tinha uma carga forte porque os meios de comunicação davam muita ênfase às fatalidades de pessoas sobretudo idosas – assinalando, inclusive, as muitas dificuldades ou sequelas para plena recuperação. Assim sendo, existiu, evidentemente, um

Notas sobre uma pesquisa em quarentena

contexto de estigmatização do idoso e a supervalorização de suas eventuais fragilidades. Esse momento é muito bem resumido pela antropóloga Simone Dourado, quando reflete sobre a rigidez das medidas contra o coronavírus, sobretudo naquele momento preliminar marcado pela desinformação em relação à doença, dedicadas aos idosos:

O contato com idosos que colaboram em minhas pesquisas, me fez perceber o peso que sobre eles recaí de que ter sessenta e mais anos passou a ser, de um dia para o outro, arriscado. Os decretos e orientações de vários estados e municípios exigindo ou sugerindo que os idosos fiquem em casa soaram como confirmação do risco e provocaram angústia por impedir a organização do cotidiano como faziam. Entre as medidas mais duras estão os bloqueios dos cartões de gratuidade para circulação no transporte público e a exigência de realização de trabalho remoto, nos casos em que ele se aplica. Mas há, também, casos de afastamento compulsório do trabalho que valem para pessoas que não tem como desempenhar mais suas funções de casa ou que ocupam postos em setores essenciais da economia que não foram paralisados. Um número considerável de profissionais liberais que atuam em diferentes ramos do setor da saúde, comércio, produção industrial, segurança e limpeza receberam a orientação ou foram compulsoriamente colocados em isolamento em suas casas. Nesses casos, as reduções salariais não são desprezíveis e a possibilidade de construir alternativas de trabalho e renda é lenta. Destaco que a questão não é discutir a necessidade de medidas restritivas tão duras para a população que está com sessenta e mais anos. A falta de conhecimento sobre o novo coronavírus e a doença que ele provoca, a COVID-19, não dá segurança para definir protocolos de tratamento, cuidado e prevenção que permitam um retorno ao ritmo de vida de antes da pandemia. O único consenso construído é de que o isolamento e o distanciamento social são eficazes para barrar o avanço da contaminação e prevenir contra o desenvolvimento da doença. (DOURADO, 2020, p.155)

Os problemas identificados pela professora Dourado correspondem, igualmente, aqueles identificados entre a minha pequena amostra. Em alguns casos, os meus entrevistados, fragilizados já em primeiro plano por dependerem de outras pessoas para garantir o próprio sustento, somavam às insatisfações

Notas sobre uma pesquisa em quarentena

o excesso de medidas restritivas aplicados não só pelo poder público – da retenção do passe-livre à suspensão dos exercícios coordenados ao ar livre, nas praias da cidade – mas principalmente em âmbito doméstico, à preocupação dos filhos – incluindo a total suspensão, em um dos casos, do contato com o neto.

Em relação aos desdobramentos metodológicos que utilizei na condução da pesquisa, principalmente levando em consideração os artifícios utilizados durante a realização das entrevistas presenciais, surte efeito uma autocrítica: dois anos depois, relendo as minhas próprias notas e confrontando-as com os argumentos destacados acima, muitas posturas poderiam ter sido amenizadas. Eu poderia e deveria ter aceitado, por exemplo, as xícaras de café e copos d'água dentro dos limites da cordialidade e da razoabilidade sem prejudicar, ainda mais, a segurança dos meus interlocutores. Manifestava-se intimamente, no entanto, um sentimento que então eu entendia como estratégia de preservação e autopreservação, mas que agora, relendo observações da época, repassando parcialmente os áudios das entrevistas, a sensação fica melhor definida como uma espécie de *constrangimento*; um constrangimento, afinal, de entrar na casa das pessoas e descumprir o único dispositivo realmente eficaz, o isolamento, para combater o contágio.

As máscaras, a higienização das mãos e o metro e meio de distância recomendado pelos especialistas, que utilizei tão fervorosamente, às raias da dramaticidade, para demonstrar meu total respeito às regras em detrimento da falta momentânea de isolamento esvaziaram em grande parte os últimos pressupostos etnográficos que, em tese, embalavam aquele contexto: eu não conheci os meus interlocutores pontuais como deveria, não consigo reconhecê-los nas ruas e não entendi alguns de seus anseios e, apesar de ter de fato coletado dados importantes relativos ao binômio envelhecimento e mercado de trabalho, não aproveitei para ler entrelinhas importantes que teriam acrescentado efetivamente à pesquisa a camada de conhecimento antropológico que eu pretendia. No fim, preocupado como estávamos todos com o lado epidêmico, deixei de lado alguma

coisa do fator humano. Mas o prazo institucional de entrega foi cumprido

Conclusão

Enquanto planejava este trabalho, imaginava apenas a releitura e a sistematização de um caderno contendo as observações oriundas de uma pesquisa de curta-duração que eu conduzi, a partir de uma chamada institucional, ao longo dos primeiros meses de pandemia. Trabalharia apenas os desdobramentos metodológicos, a necessidade de redesenho, a transferência de parte dos dispositivos do presencial para o remoto e as estratégias adotadas para minimizar os riscos de contágio quando as aplicações presenciais se tornaram indispensáveis. A articulação bibliográfica surgiria em segundo plano, à medida que a produção antropológica e/ou etnográfica dedicada aos nossos aspectos metodológicos, via de regra, não cobrem momentos específicos e socialmente críticos como a realização de um trabalho de campo durante período de quarentena.

A antropologia – desdobrada em sua principal ferramenta de pesquisa, a etnografia –, entre as ciências sociais, é aquela que talvez precise de um contato mais íntimo do pesquisador com seus interlocutores. Intimidade e proximidade física, tradicionalmente, são elementos indissociáveis. Está em curso há algumas décadas, no entanto, uma revolução nos meios de comunicação que no século passado encontravam respaldo apenas na ficção científica, nos telefones com câmera dos *Jetsons* ou na metrópole disfuncional de Fritz Lang.

O fato é que a distância entre as pessoas diminuiu consistentemente, à medida que quase todos estão a um toque na tela; para o antropólogo, ainda que sujeito a uma série de possíveis contratempos tecnológicos, isso pode significar uma releitura do campo, dos informantes e das potencialidades do trabalho de campo. No que se refere à pandemia, é indiscutível que os últimos dois apressaram, por necessidade, a virtualização da disciplina. Particularmente, acho cedo para tentar encontrar vantagens e

Notas sobre uma pesquisa em quarentena

prejuízos neste novo contexto, acredito que ainda estamos em um processo muito preliminar de revisão das nossas próprias pretensões a partir dos novos desdobramentos metodológicos de velhos dispositivos, principalmente em âmbito acadêmico.

Por fim, muito embora a preocupação inicial deste artigo tenha sido apenas narrar o andamento de uma coleta de dados em condições inéditas e críticas, ele termina sobretudo como uma autocrítica, revelando principalmente desenganos de um pesquisador que por falta de maturidade ou expertise não compreendeu efetivamente o campo. Mantenho, todavia, os registros, mas não concluo com recomendações. Espero apenas que o relato e a discussão proposta sejam úteis para um leitor no futuro, para somar experiências e gerar aprendizados.

Referências bibliográficas

BOCKORNI, Beatriz. R. S.; GOMES, Almiraiva. F. "Amostragem em snowball (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração". In. *Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR*, Umuarama, v. 22, n. 1, p. 105–117, jan./jun. 2021.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede, vol. 1: a era da informação – economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COSTA, Bárbara R. L. "Bola de Neve Virtual: O Uso das Redes Sociais Virtuais no Processo de Coleta de Dados de uma Pesquisa Científica". In. *RIGS – Revista Interdisciplinar em Gestão Social UFBA*. v.7n.1 p.15–37 ISSN: 2317–2428. jan./abr. 2018

DAMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

DOURADO, Simone P. da C. "A pandemia de COVID-19 e a conversão de idosos em 'grupo de risco'". In. *Cadernos de Campo (online)*, vol. 29, suplemento. USP. São Paulo, 2020. p 153–162.

FERRO, Ana Paula Rodrigues. "A netnografia como metodologia de pesquisa: um recurso possível". In. *Educação, Gestão e Sociedade*. ISSN 2179–9636, Ano 5, número 19, agosto de 2015.

GEERTZ, Clifford. *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

GOFFMAN, E. *Stigma: Notes On The Management Of Spoiled Identity*. Englewood Cliffs: Prentice–Hall, 1963.

_____. *Representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

GOODENOUGH, Ward. "Rethinking status and role". In. *The relevance of models for social anthropology – ASA Monographs*, no. 1. Londres: Tavistock, 1965.

HINE, Christine. *Virtual ethnography*. Londres: Sage Publications, 2001.

Notas sobre uma pesquisa em quarentena

_____. "A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana". In. *Cadernos de Campo* (São Paulo, online), vol. 29, n.2. USP, 2020.

LEITÃO, Débora Krischke. "Mercado, coleções e interconexões: algumas pistas para compreender trocas comerciais via internet". In. *Revista Século XXI*, v. 1, n. 1, p. 82-96, 2011.

LEITÃO, Débora Krischke & GOMES, Laura Graziela. "Estar e não estar lá, eis a questão: pesquisa etnográfica no Second Life" In. *Cronos:R. Pós-Grad. Ci. Soc. UFRN, Natal*, v. 12, n.2, p. 23-38, jul./dez. 2011, ISSN 1518-0689.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Olhar, escutar, ler*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MILLER, Daniel. "Notas Sobre a Pandemia: como conduzir uma etnografia durante o isolamento social". Transcrição e tradução: Balsa, Camila; BAZZO, Juliane. 2020. Disponível em <https://blogdolabemus.com/wp-content/uploads/2020/05/Miller_Como-conduzir-uma-etnografia-durante-o-isolamento-social-convertido.pdf>. Acesso em 20 de setembro de 2022.

MISKOLCI, Richard. "O armário ampliado: notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet". In. *Niterói*, v. 9, n. 2, p. 171-190, 1. sem. 2009.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. "O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever". In. *Revista de Antropologia*, Vol. 39, No. 1, 1996. p. 13-37.

PARSONS, Talcott. *Essays in sociological theory*. New York: Free Press, 1954.

SOARES, Samara; STENGEL, Márcia. "Netnografia e a pesquisa científica na internet". In. *Psicologia USP*, volume 32. São Paulo: 2021.